DO ENVIO AO ENRAIZAMENTO: DINÂMICA MISSÃO-INSTITUIÇÃO EM ATOS 13–14 COMO FUNDAMENTO BÍBLICO DAS IGREJAS PARTICULARES

Thiago Pedro Galdino da Silva[1]

Resumo

A celebração dos 350 anos da Arquidiocese de Olinda e Recife suscita a pergunta sobre como a Escritura articula teologicamente a passagem da missão itinerante para a instituição eclesial local. A partir de Atos 13,1-3 e 14,21-23, este trabalho analisa exegeticamente o envio missionário promovido pela igreja de Antioquia e a subsequente constituição de presbíteros em cada comunidade. Mediante método histórico-crítico e narrativo, verifica-se que Lucas apresenta o envio comunitário e a organização ministerial como momentos articulados de um mesmo processo. Conclui-se que essa dinâmica oferece uma chave teológica para pensar a implantação de Igrejas particulares.

Palavras-chave: Eclesiologia lucana. Presbiterado. Missão paulina. Comunidades primitivas.

1 INTRODUÇÃO

A celebração dos 350 anos da Arquidiocese de Olinda e Recife constitui um marco eclesial que convida a uma reflexão sobre as bases escriturísticas da vida e da organização das Igrejas particulares atuais. Nesse contexto, surge a questão: como o texto bíblico, especialmente a narrativa lucana dos Atos dos Apóstolos, fundamenta teologicamente a passagem da missão itinerante para a instituição eclesial estável? A hipótese que orienta este trabalho é que os relatos de Atos 13,1-3 e 14,21-23 não descrevem meros eventos históricos isolados, mas oferecem uma dinâmica teológica articulada entre o envio missionário e a constituição de lideranças locais.

A partir da análise proposta, pode-se antecipar que essa dinâmica se

[1] Bacharel em filosofia pela UNICAP e discente do curso de teologia pela UNICAP. E-mail: Thiago.00000848670@unicap.br

desdobra em cinco dimensões interligadas. A primeira é a missão, pela qual a comunidade de Antioquia não permanece fechada em si mesma, mas participa da expansão do Evangelho mediante o envio de seus missionários. A segunda é a formação da comunidade, pois o anúncio do Evangelho produz discípulos e conduz à constituição de comunidades concretas. A terceira é o acompanhamento e fortalecimento, uma vez que a missão implica não apenas o primeiro anúncio, mas também o cuidado contínuo com aqueles que receberam a fé. A quarta é a organização ministerial, expressa na constituição dos presbíteros em cada comunidade, o que manifesta a necessidade de formas estáveis de responsabilidade. Por fim, a quinta dimensão é a continuidade eclesial, pois a comunidade evangelizada passa a possuir condições para permanecer, crescer e continuar sua existência de maneira organizada.

Essa lógica eclesial, e não uma suposta identidade entre as comunidades de Atos e as dioceses atuais, é que pode oferecer uma fundamentação bíblico-teológica para pensar a implantação das Igrejas particulares. O objetivo central deste trabalho, portanto, é analisar exegeticamente os textos de Atos 13,1-3 e 14,21-23, demonstrando como a missão, ao gerar comunidades, conduz necessariamente à sua organização, configurando um processo que ilumina a implantação de Igrejas particulares. Para tanto, adota-se um método histórico-crítico e narrativo, buscando compreender a intencionalidade teológica de Lucas e sua relevância para a eclesiologia contemporânea.

2 DO ENVIO AO ENRAIZAMENTO: MISSÃO E FORMAÇÃO DAS COMUNIDADES EM ATOS 13–14

A teologia lucana do livro dos Atos dos Apóstolos permite-nos vislumbrar o nascimento e crescimento das primeiras comunidades cristãs, em meio à efervescência da fé e das perseguições sufocantes dos não cristãos. Assim, a Igreja se espalhava, permanecia reunida e comungava de "um só coração e uma só alma" (At 4, 32); e mantinham-se fiéis à doutrina

dos Apóstolos, à participação na fração do pão e nas orações, louvando a Deus e sendo bem-vistos pelo povo (At 2, 42-47). Com os corações ardentes, como os discípulos de Emaús (Lc 24,13-35), eles se reuniam no dia do Senhor para celebrar a sagrada liturgia (At 20,7; 1 Cor 16,2; At 2,42).

Lucas, no livro dos Atos, apresenta Jerusalém como o centro irradiador da fé em Jesus Cristo no início da era cristã; em meio às alegrias e aos sofrimentos, a igreja, por meio do Espírito Santo, crescia e a palavra era proclamada, e muitos judeus abraçavam a esperança no Cristo Senhor. Todavia, após a morte de Estevão muitos crentes começaram a se dispersar para "à Fenícia, à ilha de Chipre e à cidade de Antioquia" (At 11, 19), contudo, seus ensinamentos ainda permaneciam restritos apenas aos judeus.

Dessa forma, Antioquia, capital da província romana da Síria e a terceira mais importante do império após Roma e Alexandria, destacava-se pela sua ligação entre o ocidente e o oriente. "As três cidades destacavam-se por serem centros populosos e pluralistas, em raças culturas, línguas e religiões. E a língua grega é o meio mais frequente de comunicação" (Schökel, 2002, p. 2275, nota de rodapé). Sendo assim, os discípulos que chegam à cidade de Antioquia "começaram a pregar também aos gregos, anunciando-lhes a Boa Nova do Senhor Jesus" (At 11,20). É essa pluralidade cultural e até mesmo religiosa de Antioquia que oferece um campo mais oportuno de experiência para o anúncio do evangelho. O alcance da palavra que outrora ficara restrito aos judeus, agora alcança os pagãos, e Antioquia se torna uma comunidade numerosa: "evangelizada por cristãos e foragidos de Jerusalém e prosélitos que vêm de Chipre e Cirene, Antioquia tornas-se o ponto de transição do cristianismo entre o mundo judaico e o mundo pagão" (Storniolo, 1993, p. 116).

Além disso, a narrativa permite-nos vislumbrar que a comunidade continuava crescendo e atraindo mais adeptos à palavra (At 11,21). Foi aqui, portanto, que os seguidores de Jesus, pela primeira vez, passam a ser identificados de maneira diferente dos judeus: "em Antioquia, os discípulos foram, pela primeira vez, chamados com o nome de "cristãos (At 11,26)". O

escrito lucano mostra que enquanto a igreja de Jerusalém conserva as decisões e as responsabilidades organizacionais da igreja nascente, a igreja de Antioquia destacava-se como sendo o "novo centro de irradiação da Igreja" (Schökel, 2002, p. 2276, nota de rodapé). A igreja de Jerusalém alegra-se com a nova comunidade nascente e envia-lhes Barnabé (At 11,22), que por sua vez vai à procura de Saulo, em Tarso, para ajudá-lo na missão (At 11,25-26).

2.1 At 13,1–3: uma Igreja que discerne e envia

Partindo desse contexto, a narrativa de At 13,1-3 inicia-se na comunidade de Antioquia da Síria, descrita como a Igreja que está em Antioquia (v. 1); uma comunidade numerosa e, de certa forma, desenvolvida, "dirigida por um grupo de cinco homens" (Storniolo, 1993, p.117), descritos por Lucas como sendo "profetas e mestres" (v. 1). Convém destacar a relevância desses homens nesta comunidade, haja vista que apesar de suas influências antropológicas, bebiam de um mesmo espírito e nutriam um só desejo: tornar Jesus Cristo mais conhecido e amado. Assim, o grupo dos cinco "são homens profetas e mestres [...] que exortam e encorajam a comunidade e, ao mesmo tempo, ensinam a comunidade a viver o caminho de Jesus" (Storniolo, 1993, p. 116).

Nessa perspectiva, a igreja local de Antioquia, animada pelo Espírito, por volta do ano 46 d.C. "sente um forte desejo que compartilhar o Evangelho com os povos vizinhos que até esse momento desconheciam essa verdade" (Veer, 2024, 228). Contudo, o início do capítulo 13, revela-nos que essa obra não parte de mãos humanas, mas de homens que iluminados e impelidos pela oração e pelo jejum, deixam-se abrir à voz do Espírito Santo (At 13,2). Em espírito de comunhão, oração e profundo discernimento confirmam Barnabé e Paulo para semearem a Palavra àqueles que desconhecem o Cristo; impondo-lhes as mãos para que o Espírito confirme o discernimento obtido e, assim, deixam-nos partir (At 13,3-4).

2.2 At 13,4-52–14,1-20: o desenvolvimento da missão

Em meio às inúmeras perseguições e tentativas de silenciamento do evangelho na igreja nascente, levantam-se muitos questionamentos, e, contudo, procuram a resposta: de onde nasce, pois, a missão? Nasce, portanto, a pedido do próprio Cristo (Mt 28,18-20; Mc 16,15; Jo 20,21; At 1,8), que impele no coração dos discípulos a coragem de espalhar continuamente a todos os povos a sua Palavra. Dessa forma, estima-se que a primeira viagem missionária de Paulo data entre os anos de 46 e 48 d.C. Veer reitera que:

> A primeira 'viagem missionária' descreve o primeiro ato planejado de 'missão estrangeira' por representantes de uma igreja, e não por indivíduos isolados; e se iniciou por uma decisão deliberada da igreja, inspirada pelo Espírito Santo, e não por causa de uma perseguição aos cristãos (Veer, 2024, p. 228).

Sendo assim, Paulo e Barnabé partem de Antioquia da Síria em direção à ilha de Chipre (terra natal de Barnabé), mais precisamente à cidade de Salamina, onde anunciam o evangelho (At 13,5); e partem em missão cruzando toda a ilha em direção a Pafos, onde anunciam a fé ao precônsul Sérgio Paulo, o qual abraça os ensinamentos do Senhor (At 13,4-12); em seguida, embarcam, pois, e alcançam Perge na Panfília, seguindo em direção a Antioquia da Psídia (At 13,13-51), na qual ao anunciar a palavra na sinagoga "muitos judeus e prosélitos praticantes seguiram Paulo e Barnabé" (At 13,43), instigados, pois, a permanecerem, continuam ali sua viagem missionária, porém os judeus movidos pela inveja (At 13,45) motivavam perseguições contra os discípulos, entretanto, os gregos abraçavam a fé e a Palavra continuava se espalhando na região (At 13,49). Além do mais, Paulo e Barnabé prosseguem viagem até Icônio, onde também anunciam a palavra e convertem judeus e gregos, entretanto os judeus não simpatizantes passam a incitar discórdias àqueles que abraçaram a nova doutrina (At 14,2), os quais se articularam contra Paulo e Barnabé. No entanto, estes seguem em direção a Listra, e em seguida para Derbe, onde

anunciam o evangelho e realizam milagres no nome de Jesus "conseguindo fazer um bom número de discípulos" (At 14,21).

2.3 At 14,21–23: da evangelização à organização

Nota-se que o primeiro percurso missionário de Paulo e Barnabé, em boa parte das cidades evangelizadas, parece apresentar um movimento similar: de anúncio da palavra; aceitação e/ou rejeição ao evangelho pregado; e a formação de discípulos e/ou as perseguições. Todavia, observa-se com nitidez uma certa animosidade e incentivo da parte de Paulo e Barnabé na perseverança da fé em Cristo.

Ao finalizar este ciclo itinerante pela região, podiam prosseguir viagem para voltar a Antioquia da Síria. Entretanto, desejam fazer o caminho inverso, a fim de "revisitar as regiões de tensão" (Veer, 2024, p. 258) e confirmar os recém-convertidos de Listra, Icônio e Antioquia da Psídia, ou melhor, fortalecer o ânimo dos discípulos e exortá-los a permanecer na fé, afirmando que "é necessário passar por muitos sofrimentos para entrar no Reino de Deus" (At 14,22). Somente depois desse trabalho de consolidação é que ocorre o gesto que fecha o ciclo: "os apóstolos designaram presbíteros para cada Igreja e, com orações e jejuns, os confiavam ao Senhor em quem haviam acreditado" (At 14,23). Aqui, observa-se de maneira evidente, a instituição de lideranças da comunidade para dar continuidade à missão, isto é, "havia a necessidade da criação de lideranças locais, os presbíteros" (Veer, 2024, p. 258), termo que aparece pela segunda vez; seu primeiro, até então relaciona-se à igreja que estava em Jerusalém (At 11,30).

3 A DINÂMICA MISSÃO-INSTITUIÇÃO E OS MINISTÉRIOS PRESBITERAL E EPISCOPAL: DE ATOS 13-14 À IGREJA HOJE

A sequência narrativa de At 14,21-23 mostra-se de suma importância para a solidificação da igreja nascente. Lucas não apresenta a constituição dos presbíteros como uma realidade isolada da missão, mas como parte de um processo que se inicia com o anúncio do Evangelho e conduz à

formação e à solidificação das comunidades. A missão, porém, não se esgota no primeiro anúncio. Ela implica, consequentemente, o acompanhamento dos que acolheram a fé e cria condições para que as comunidades possam perseverar e continuar existindo; "a Igreja nasce do Evangelho e tem por missão transmitir o Evangelho" (Taborda, 2011, p. 142).

Nesse prisma, a instituição dos presbíteros constitui um dos elementos mais diretamente relacionados à organização das comunidades. Lucas utiliza o termo grego *πρεσβυτέρους* (*presbyteros*), que pode ser traduzido por presbíteros ou anciãos[2]. Todavia, a interpretação dessa expressão exige cautela, sobretudo quando se pretende relacioná-la ao ministério presbiteral existente na Igreja Católica contemporânea. A constituição de presbíteros em cada comunidade, tal como narrada primitivamente em Atos, deve ser compreendida no contexto mais amplo do desenvolvimento das formas de liderança das primeiras comunidades cristãs. Nesse processo, destaca-se a figura do epíscopo (bispo), em grego *επίσκοπο* (*episkopo*), cuja função consistia em cuidar do rebanho confiado à sua responsabilidade e supervisionar a comunidade, podendo designar inicialmente a própria função exercida pelos presbíteros (Taborda, 2011, p. 96). Essa realidade contribui para compreender o percurso histórico que conduziria posteriormente à organização da Igreja particular sob a presidência de um bispo.

Nos textos neotestamentários, os termos *presbyteros* e *episkopos* apresentam significativa proximidade semântica e funcional. Posteriormente, em Atos 20,17, Paulo convoca os presbíteros da Igreja de Éfeso e, no versículo 28, dirige-se ao mesmo grupo chamando seus membros de *episkopos*, indicando que Lucas não estabelece uma distinção rígida entre categorias ministeriais hierarquicamente diferenciadas. Assim, presbítero enfatiza a condição de ancião ou responsável comunitário, enquanto

[2] Aqui não se trata, necessariamente, de uma pessoa com uma idade avançada, mas de boa reputação e experiente, "pois um ancião novo na fé não serve para ser um dos anciãos da congregação. Sua 'idade' na fé é tão importante quanto sua maturidade espiritual (Pestana, 2022, p. 262).

epíscopo destaca a função de supervisionar', cuidar e exercer a responsabilidade pastoral sobre o rebanho.

Assim, o aspecto mais relevante do texto, não está apenas nos títulos empregados, mas nas funções atribuídas a esses responsáveis. Paulo os exorta a vigiar sobre si mesmos e sobre todo o rebanho e a "pastorear a Igreja de Deus" (At 20,28). Atualmente, o papel do epíscopo assume um significado semelhante ao encontrado já na narrativa lucana; com isso, a *Lumen Gentium* (LG) reitera que:

> Em cada uma das comunidades de fiéis, tornam de algum modo presente o Bispo, ao qual estão associados com ânimo fiel e generoso e cujos encargos e solicitude assumem [...]. Sob a autoridade do Bispo, santificam e governam a porção do rebanho a si confiada, tornam visível, no lugar em que estão, a Igreja universal (LG, n. 28).

A terminologia *episkopoi* deve ser compreendida no processo histórico de consolidação das primeiras comunidades cristãs. Inicialmente, a missão apostólica possuía caráter itinerante, cabendo aos apóstolos fundar e acompanhar essas comunidades. Com sua multiplicação, tornou-se necessário estabelecer formas mais estáveis de liderança local. Logo, as funções dos presbíteros e epíscopos adquiriram progressivamente maior definição. O episcopado monárquico, contudo, não pode ser pressuposto nos textos cristãos mais antigos, pois constitui um desenvolvimento histórico posterior. Essa configuração torna-se mais evidente na literatura do final do século I e início do século II, quando o bispo passa a ser associado à unidade comunitária, à preservação da fé apostólica e à coordenação da vida eclesial.

Logo, a análise de At 14,23 e At 20,7.28 é de suma importância para compreender o desenvolvimento posterior dos ministérios eclesiais, haja vista que, "para compreender o ministério ordenado, é preciso, pois, partir da Igreja local/particular, identificando seus elementos constitutivos" (Taborda, 2011, p. 141). Embora não seja possível simplesmente identificar os *presbyteroi* e *episkopoi* de Atos com as formas ministeriais posteriormente

consolidadas na Igreja, o texto testemunha uma etapa na qual as funções de liderança ainda apresentam relativa sobreposição terminológica. Assim, a distinção mais definida entre o episcopado, o presbiterado e o diaconato será percebida progressivamente na tradição cristã ao longo dos séculos e, posteriormente, ganhará uma forma mais próxima a atual no decorrer da Idade Média.

4 SEMENTES E FRUTOS: DAS COMUNIDADES DE ATOS 13-14 À IGREJA PARTICULAR

Em Atos, a expansão territorial do Evangelho alcança sua maturidade quando a fé se enraíza em comunidades concretas capazes de permanecer e continuar a missão, haja vista que "a missão começa e termina na comunidade (...) nasce do transbordamento de vida e de amor da comunidade" (Storniolo, 1993, p. 129). Neste primeiro ciclo missionário começa-se a entender que a semeadura da Boa Nova conduz à formação e solidificação de novas comunidades concretas. Comunidades essas que buscam a perseverança: na escuta da doutrina dos apóstolos, pela comunhão fraterna, pela fração do pão e pelas orações (At 2,42); vivendo unidos, com simplicidade e alegria, partilhando seus bens segundo as necessidades de cada um (At 2,44-46; 4,32-35). De um modo especial, reunindo-se, no primeiro dia da semana, para a escuta da Palavra e para a fração do pão (At 20,7). A LG rememora que:

> A Igreja recebeu dos Apóstolos este mandato solene de Cristo, de anunciar a verdade da salvação e de a levar até aos confins da terra [...] continua a mandar incessantemente os seus arautos, até que as novas igrejas se formem plenamente e prossigam, por sua vez, a obra da evangelização. [...] Pregando o Evangelho, a Igreja atrai os ouvintes a crer e confessar a fé, dispõe para o Baptismo, liberta da escravidão do erro e incorpora-os a Cristo, a fim de que n'Ele cresçam pela caridade, até à plenitude (LG, n. 17).

Ademais, constata-se que a eclesiologia lucana de Atos, conforme supracitado, apresenta uma organização primitiva do cristianismo nascente que foi se consolidando e se organizando ao longo do tempo; atravessa

culturas, povos, lugares, gerações e o próprio tempo para dar pleno cumprimento à missão confiada aos apóstolos pelo Cristo: "ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa Nova a toda criatura!" (Mc 16,15). Logo, a expansão da igreja que estava em Jerusalém para as demais que emergiram com o tempo, possibilitou dois caminhos indispensáveis para a estruturação daquilo que conhecemos hoje como Igreja Universal: a organização das igrejas locais; e a contínua perpetuação do evangelho a outras localidades.

Primeiramente, faz-se necessário pontuar aqui que seria anacrônico afirmar que Lucas já dispusesse da formulação eclesiológica posterior de Igreja particular; trata-se, antes, de estabelecer uma relação de fundamentação bíblico-teológica, e não de identidade histórica direta entre as comunidades paulinas e a diocese como categoria canônica hoje compreendida.

Nesse prisma, o olhar lucano sobre a importância das Igrejas locais não externa, portanto, a imagem de uma diocese pronta, entretanto há elementos presentes nas primeiras comunidades cristãs que posteriormente fundamentarão o desenvolvimento da compreensão da Igreja particular como, por exemplo: a presença de comunidades concretas e localizadas; apóstolos e outros ministros exercendo autoridade, como os presbíteros e/ou epíscopos; a comunhão dos fiéis; o anúncio da Palavra; a celebração da liturgia; a organização das comunidades; e as relações entre uma comunidade e outras comunidades. Logo, esses elementos não são ainda a estrutura jurídica da diocese, mas constituem parte da base bíblica e histórica sobre a qual a reflexão eclesiológica posterior se desenvolveu. Wolf explicita:

> *Ekklesía* diz respeito, portanto, primeiramente a uma comunidade particular concreta, que se realiza em determinada habitação, cidade ou província [...]. Isso permite falar de *ekklesiai* no plural [...]. O conjunto das Igrejas formam a Igreja universal, esta existe nas Igrejas locais e na comunhão entre elas [...] (Wolf, 2007, p. 123).

Por outro lado, essa compreensão recebe uma formulação mais

precisa no Magistério do Concílio Vaticano II, especialmente no Decreto Christus Dominus, que relaciona diretamente o ministério do Bispo à constituição da Igreja particular. O documento afirma que a diocese é a "porção do Povo de Deus" confiada a um Bispo, reunida no Espírito Santo mediante o Evangelho e a Eucaristia, constituindo assim uma Igreja particular, na qual "está e opera a Igreja de Cristo, una, santa, católica e apostólica" (CD, n. 11). Nessa perspectiva, a configuração atual da Igreja particular conserva elementos fundamentais da experiência das primeiras comunidades, ao mesmo tempo que os desenvolve segundo as necessidades pastorais e institucionais de cada período histórico. Como sintetizam as "Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2026–2032)": "cada igreja tem um pastor que a preside na caridade. O bispo que está à frente da Diocese em virtude do carisma já concedido aos Apóstolos" (DGAE, 2026, n. 55).

Portanto, o desenvolvimento do ministério episcopal e a configuração da Igreja local não devem ser entendidos como processos isolados, mas como dimensões interligadas do próprio processo de organização e amadurecimento da Igreja. Ao longo dos séculos, as formas concretas de exercício do ministério e de organização das comunidades sofreram adaptações, sem perder, contudo, sua referência fundamental à missão apostólica, até alcançar a conceituação teológica e jurídica contemporânea da Igreja particular

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de Atos 13,1-3 e 14,21-23 revela que a eclesiologia lucana apresenta a missão e a instituição como dimensões intrínsecas e complementares do mesmo dinamismo eclesial. A comunidade de Antioquia, discernindo sob a ação do Espírito Santo, não se limita a preservar a fé recebida, mas assume o impulso missionário como expressão de sua maturidade. Esse envio, porém, não se esgota na itinerância; ao contrário, o retorno de Paulo e Barnabé para consolidar as comunidades recém-

fundadas e a designação de presbíteros indicam que a missão autêntica visa o enraizamento, ou seja, a formação de comunidades estáveis e organizadas.

Percebe-se, assim, que os presbíteros (e, no contexto mais amplo dos Atos, os epíscopos) não surgem como uma estrutura externa ou posterior à missão, mas como sua consequência orgânica e necessária. Eles representam a continuidade da ação apostólica, assegurando a perseverança na fé, a comunhão fraterna e a celebração da Eucaristia. Embora as comunidades primitivas não se identifiquem plenamente com a configuração canônica atual das dioceses, o processo narrado por Lucas estabelece um fundamento bíblico-teológico inegável: a Igreja, por sua natureza, é chamada a se realizar em comunidades locais concretas, sob a liderança de pastores que garantam a unidade e a fidelidade ao Evangelho.

Dessa forma, o itinerário de Antioquia ilustra que a Igreja particular não é uma realidade meramente administrativa, mas a manifestação viva do Corpo de Cristo em um lugar determinado. A dinâmica do envio ao enraizamento, portanto, permanece paradigmática, indicando que toda missão autêntica caminha para a formação de Igrejas locais, onde a Palavra é proclamada, os sacramentos são celebrados e o Povo de Deus, sob a guia de seus pastores, caminha em comunhão rumo ao Reino.

REFERÊNCIAS

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição dogmática Lumen gentium. In: CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 101-197.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto Christus dominus. In: CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 241-276.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Bíblia Sagrada*: tradução oficial da CNBB. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2026–2032)*. Brasília: Edições CNBB, 2026.

STORNIOLO, Ivo. *Como ler os atos dos apóstolos*: o caminho do Evangelho. 5 ed. São Paulo: Paulus, 1993.

SCHÖKEL, Luis Alonso. Nota de Rodapé ao livro dos Atos dos Apóstolos. In: *Bíblia do Peregrino*. Tradução e notas de Luís Alonso Schökel. São Paulo: Paulus, 2002.

PESTANA, Álvaro César. *Enriqueça seu vocabulário bíblico*: um estudo de palavras do novo testamento. Jaboatão dos Guararapes: Escola de Teologia em casa, 2022.

TABORDA, Francisco. *A igreja e seus ministros*: uma teologia do ministério ordenado. São Paulo: Paulus, 2011.

VEER, Ion de. *Nos passos de Lucas*: os Atos dos Apóstolos no 1º século, segundo Lucas. Curitiba: Editora Esperança, 2024.

WOLFF, Elias. A teologia da Igreja local. *Revista Encontros Teológicos*, [S. l.], v. 22, n. 3, 2016. DOI: 10.46525/ret.v22i3.348. Disponível em: https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/348. Acesso em: 10 ago. 2026.

KONINGS, Johan; GOMES, Rita Maria. *Marcos*: o evangelho do reinado de Deus. São Paulo: Loyola, 2018.

MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983.

VÍLCHEZ LÍNDEZ, José. *Sabedoria e sábios em Israel*. São Paulo: Loyola, 1999.